

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: A RELAÇÃO ENTRE PEDAGOGIA E HISTÓRIA

The Education of Young and Adults - EJA in the context of basic education: the relationship between Pedagogy and History

Ruthnelle de Oliveira Chagas¹
Cecilia Conceição Moreira Soares²

Resumo

Este artigo pretende analisar a conexão interdisciplinar da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com as disciplinas de História e de Pedagogia, no sentido de possibilitar aos alunos da EJA uma compreensão e interpretação dos acontecimentos históricos e sua relação com os contextos sócio - econômicos, refletindo no cotidiano das realidades sociais em que estão inseridos. O lócus empírico desse estudo é o Colégio Estadual Padre Luiz Soares Palmeira no município de Vitória da Conquista - BA. A metodologia para esta pesquisa se baseará na análise da Proposta do Estado da Bahia para a reestruturação política da EJA realizada no ano de 2009 e referências bibliográficas, possibilitando a reflexão sobre alguns concepções teóricas para a política da EJA, além de conceitos históricos que contribuem para o entendimento da disciplina e aspectos da formação do pedagogo que apresentaremos no intuito de contribuir com a prática de ensino dessa modalidade, respeitando as experiências de vida e diferenças culturais.

Palavras chave: Currículo. Educação de Jovens e Adultos. História. Interdisciplinaridade. Pedagogia.

Abstract

This article intends to analyze the interdisciplinary connection of Youth and Adult Education (EJA) with the discipline of History and Pedagogy, in order to enable EJA students an understanding and interpretation of historical events and their relation with socio - economic contexts, reflecting in the daily life of the social realities in which they are inserted. The empirical locus of this study is the Padre Luiz Soares Palmeira State College in the city of Vitória da Conquista - BA. The methodology for this research will be based on the analysis of the Proposal of the State of Bahia for the political restructuring of the EJA held in 2009 and bibliographical references, allowing the reflection on some theoretical

¹ Especialização em Memória História e Historiografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/2006. Mestranda em Educação pela Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB. Professora da Educação Básica.

² Doutora em Antropologia e Pós doutorado em Educação. Docente Titular da Universidade do Estado da Bahia. Professora no Programa de Pós Graduação em Educação- UESB-Ba.

conceptions for the EJA policy, as well as historical concepts that contribute to the understanding of the discipline and aspects of the training of the pedagogue that we will present in order to contribute to the teaching practice of this modality, respecting the life experiences and cultural differences.

Keywords: Curriculum. Youth and Adult Education. History. Interdisciplinarity. Pedagogy.

Introdução

O contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil tem sido marcado por um ambiente de instabilidades de propostas e por compreensões contraditórias a respeito dos anseios, das necessidades e das perspectivas dos sujeitos educandos dessa modalidade. Ao tentar desenhar uma proposta para esses sujeitos se faz necessário compreender o público da EJA, suas reais condições sociais, históricas e afetivas, o modelo de sociedade em que os mesmos estão incluídos e as possibilidades de intervenção que os mesmos podem realizar nesse cenário. Não é inverdade afirmar que a educação de jovens e adultos no Brasil atende a uma população, quase que na sua totalidade, oriunda das classes populares. Por classes populares, entendemos que constitui de modo geral o grupo social formado por pobres, índios, negros, lavradores, agricultores, miseráveis, empregados, trabalhadores formais e informais, desempregado, desamparados e desalentados.

Frente a uma proposta educacional voltada para essa categorial social, compreendemos que é fundamental a conexão destes estudos com áreas do conhecimento que possam estabelecer uma interlocução crítica entre as realidades sociais dos estudantes e os conteúdos escolares. Desta forma, as disciplinas de história, sociologia e antropologia se apresentam como ferramentas imprescindíveis para conhecer o universo particular dos sujeitos, bem como o contexto histórico que estão inseridos na sociedade.

Para este artigo elegemos a disciplina História para fundamentar nossas inquietações sobre a interpretação dos acontecimentos históricos e sua relação com os contextos sócio - econômicos, refletindo no cotidiano das pessoas e na cultura curricular da escola. Esta cultura no universo da Educação para Jovens e Adultos precisa ser analisada, considerando as localidades em que atuam os educadores e seu público escolar,

perpassando aspectos como a questão geracional, gênero, atividades exercidas pelos cursistas, participação em movimentos sociais, partidários e religiosos.

No universo da educação básica de jovens e adultos, os conhecimentos históricos são transmitidos em sua maioria por professores formados em história ou nas áreas de humanas, o que acarreta um grande desafio e responsabilidade para esses educadores. A proposta do Estado da Bahia para a reestruturação política para a EJA (2009) – ao ser inserida no contexto da educação formal –, encontra nas escolas, salvo algumas especificidades, um quadro de professores com formação em áreas específicas. Sendo assim, a formação adequada do professor, onde a disciplina História é ministrada por docentes da área, possibilitam uma crítica historiográfica dos conteúdos clássicos, perpassados por ideologias excludentes e elitistas.

Tomamos como ponto de partida para esta investigação uma classe da EJA – Tempo Formativo 2 e 3, que correspondem respectivamente ao fundamental 2 e ensino médio do Colégio Estadual Padre Luiz Soares Palmeira, localizado no bairro Urbis V, na cidade de Vitória da Conquista - Bahia. As turmas são compostas por alunos que desempenham atividades econômicas no setor do comércio ambulante, trabalho informal, servidores, donas de casa e alguns cursistas se encontram em condição de vulnerabilidade social. Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido no programa de pós graduação em Educação da Universidade do Sudoeste o da Bahia – UESB e resulta este artigo das discussões apresentadas no grupo de pesquisa intitulado “*A prática educativa como prática social e cultural*”, cadastrado no CNPq, do mesmo programa de pós graduação.

A metodologia para esta pesquisa se baseará em análise de documentos e referências bibliográficas para refletir sobre alguns conceitos teóricos para a política do EJA e conceitos históricos que apresentaremos no intuito de contribuir com a prática de ensino dessa modalidade, respeitando as experiências de vida e diferenças culturais. A prática docente de uma das autoras deste artigo, neste ambiente educacional, proporcionará informações sobre o cotidiano dos alunos a partir das observações e da experiência de ensino.

EJA: Realidade escolar, Sujeitos e Território de identidade

A Educação de Jovens e Adultos - EJA está definida pelo artigo 37 da LDB (Lei n. 9.394/96), ratificada pelo artigo 208 inciso I da Constituição Federal de 1988. Trata-se de uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada. Atende especialmente ao público que outrora buscava no Supletivo a conclusão dos estudos nível fundamental e médio. São pessoas que interromperam seu percurso escolar devido a circunstâncias diversas que têm urgência em aprender e na obtenção dos certificados que comprovam o aprendizado. Muitas vezes, a comprovação dessa formação coloca o indivíduo em condições melhores de disputa nas relações do mundo do trabalho.

Quase sempre o fracasso escolar está relacionado com as condições econômicas e sociais que afligem os mais pobres da população em contextos urbanos e rurais. Para além dos aspectos ideológicos da educação, a exemplo da cultura escolar e seu currículo, as dificuldades quanto ao acesso às unidades, a disciplina nos estudos, limitações a nível material, etc. estabelecem obstáculos à formação básica e ensino fundamental, condicionando os indivíduos aos lugares subalternos e aos imprevistos na dinâmica de uma sociedade capitalista. No Brasil, desde o Período Imperial, a educação surge como uma possibilidade de ascensão social, ao proporcionar acesso às informações e conhecimentos específicos para inserção nos setores da economia que podem significar uma independência econômica e projeção de realidades sociais mais dignificantes. Nas últimas décadas, esta perspectiva na educação ganhou novos contornos e uma necessidade fundamental à pessoa que almeja alterar o status de marginalizado pela ausência de instrução básica para um indivíduo capaz de apreender e desenvolver habilidades e competências técnicas para inserção nas demandas contemporâneas de trabalho e produção de renda.

Diante dessa abordagem, ao focar os sujeitos da Eja, o ponto de partida defendido por Arroyo (2005) se inicia em uma ação educativa que prioriza conhecer a história de vida desses jovens. Ao desmistificar uma visão de “túnel” que restringe a perspectiva do jovem por não ter tido acesso à educação durante a sua infância e posteriormente na

adolescência, quando excluídos ou evadidos do sistema educacional, a Eja ainda é tida como uma continuidade ou segunda chance. O protagonismo do jovem é visto não apenas quando se tem seus direitos básicos subtraídos, mas em ações que vão além de sua condição social. Ainda que sob essa égide de desamparo de direitos, o jovem não deixa de agir dinamicamente na sociedade, pois suas ações não paralisam quando os seus direitos lhe são negados. Desta forma, é nesta direção que a formação de professores deve seguir, levando-se em conta esse novo olhar, promovendo toda uma reformulação didática e curricular, preconizando o caminhar desses jovens no universo escolar.

Segundo Arroyo (2005), são nos movimentos sociais que se desnuda uma imagem fracionada de quem são os sujeitos da EJA e mostra uma trajetória coletiva de uma sociedade que teve historicamente seus direitos negados. São os pobres, desempregados, negros que fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos e culturais. Ainda nessa mesma temática, segundo Arroyo (2003), os movimentos sociais são fundamentais para compreender essa projeção desmitificada do jovem, entre as décadas de 70 e 80 do século passado. Os estudos apontam para uma presença na atuação dos movimentos sociais, ao fomentar a consciência pelo direito à educação, fugindo preeminentemente da política clientelista. Contudo, a escola persiste em uma estrutura que ainda não está preparada a ouvir o tempo de vida desses jovens.

Para Arroyo (2005) reestruturar a Educação de Jovens e Adultos implica em reconhecer essas identidades coletivas que foi estendida a gerações. Denota-se então que perder a coletividade desses sujeitos, significa perder sua própria identidade, reduzindo-os a sujeitos isolados de sua base originária. Nesse aspecto, o texto Educação de Jovens e Adultos organizado por Rosane Pires (2006) reforça o argumento, questionando a necessidade de mudanças em relação à questão racial, não restrito apenas a temas transversais ou mesmo curricular mas, sobretudo nas indagações, nos debates e histórias de vida.

Nesse sentido, a educação de jovens e adultos em cidades como Vitória da Conquista, é historicamente formada por latifundiários e imigrantes, voltado a uma economia pecuária e agrícola, onde demandava grande mão de obra servil e trabalhadores rurais. No decorrer dos anos, essas pessoas refletiram na composição de sua população e no cotidiano das relações de trabalho. Dentre esses, poucos superaram os obstáculos

sociais que criaram barreiras para a promoção educacional. É para este público que o ensino da disciplina História deve se comprometer, contribuindo com reflexões sobre os processos históricos que podem ajudar numa reflexão política, importante na construção de uma concepção de cidadania e pertencimento social.

Pedagogos e ensino de História

A partir da LDB de 1996, os cursos de Licenciatura em Pedagogia foram sendo reestruturados considerando a necessidade de inserção de disciplinas em diferentes áreas do ensino e de inclusão social. Particularmente é esta a situação do ensino de fundamentos da disciplina História para a educação básica em cursos de Pedagogia. A LDB/96, para além dos pontos positivos sobre os princípios e objetivos da educação brasileira, atribuiu ao pedagogo grande responsabilidade na transmissão dos conteúdos das áreas das Humanidades. A pedagogia – segundo Cambi (1999) – vivencia uma complexa fermentação de interesses sociais, políticos, econômicos e culturais. É um saber em transformação que constrói e desconstrói e precisa se reinventar na diversidade que se apresenta o mundo atual. Os conteúdos historiográficos passaram a ter um peso diferenciado, vez que as diretrizes e os parâmetros curriculares nacionais são incisivos em propor a relação dos conhecimentos com a realidade escolar e social dos alunos. Saber refletir historicamente, não é algo que se descubra apenas na fase adulta, mas iniciada em tenra idade no ambiente escolar, onde o professor com o uso de metodologias e conhecimentos fundamentados nas abordagens historiográficas mais recentes passa a transmitir os assuntos históricos comprometidos com o aprendizado crítico-reflexivo para desconstrução de uma única concepção de história.

A partir dessa compreensão, os professores de História atuando na formação de professores da educação básica deverá garantir os instrumentos teóricos e metodológicos necessários à capacitação docente. Ensinar a pensar historicamente é possibilitar ao futuro professor da Educação Básica uma visão objetiva sobre a disciplina, seus objetivos, conceitos fundamentais, principais teorias e os sujeitos sociais em diferentes temporalidades e contextos econômicos. Consideramos, também, que os alunos de pedagogia trazem vivências e suas respectivas culturas.

Para as turmas da EJA o ensino de história requer metodologias específicas à faixa etária e as experiências sociais e culturais do corpo discente e também da realidade dos professores que atuarão na esfera da educação básica – responsável por inúmeras disciplinas e seus campos específicos. No PCN para ensino de História, no tópico intitulado “Aprender e Ensinar História no Ensino Fundamental”, o texto afirma que o ensino e a aprendizagem de História envolvem uma “distinção básica entre o saber histórico, como um campo de pesquisa e produção de conhecimento do domínio de especialistas, e o saber escolar, como conhecimento produzido no espaço escolar”. Denota-se então que de acordo com as escolhas didáticas, possibilita-se práticas pedagógicas mais inclusivas.

Para Fazenda (1996), é válido buscar novos conhecimentos pedagógicos, pois pensar a educação como um processo de formação de homem requer um referencial seguro para a renovação. Contudo, segundo Arroyo (2013), apesar das mudanças pedagógicas e curriculares se caracterizarem enquanto propostas de governos, não há garantia de que tais propostas formulem verdadeiras mudanças no cotidiano da prática escolar. Pensar que toda inovação vertical traga a luz para os problemas educacionais é contraditório, é uma falácia. Não é possível mudar sem colocar os agentes (professores) como protagonistas dessas mudanças.

Considerando que os alunos do EJA são em sua maioria adultos ou que suas vivências tenham lhes dado uma bagagem de responsabilidades diferenciada da sua idade cronológica, carregam consigo uma vivência social que não pode ser desprezada. A este repertório de conhecimentos, deve ser dedicado uma atenção particular na promoção de um diálogo positivo entre o docente o educando. Os saberes do cotidiano e da cultura que representam, constituem uma bagagem importante possível de ser aproveitada em consonância com os conhecimentos científicos.

Diante das expressivas mudanças dentro da educação baiana através da proposta política para o ensino de jovens e adultos pela SEC - Secretaria de Educação do Estado da Bahia, no ano de 2009, quando alterou de forma significativa as metodologias, o currículo e a avaliação, trouxe consigo questionamentos que buscaram entender as mudanças que permearam a proposta curricular. Sacristán (1998) entende que ao teorizar sobre o currículo, deve-se antes de mais nada levar em consideração as reais condições de sua realização, devido à complexidade que se apresenta dentro do universo particular da

escola, bem como seu momento histórico e a modalidade de ensino. Nesse contexto ao analisar como o currículo da Educação de Jovens e Adultos é praticado dentro do Colégio Estadual Padre Luiz Soares Palmeira, levaremos em consideração as nuances de sua realidade, vez que se entende a importância dada ao currículo e o seu papel regulador dos conteúdos e das práticas que o professor encontrará nas unidades de ensino durante o seu trabalho. Ademais, nos sistemas de ensino o currículo padroniza desde a seleção de conteúdos até a organização do tempo de formação dos sujeitos da EJA.

Um currículo diversificado que contemple os anseios do jovens e adultos, deve estar amparado nos preceitos de uma educação voltada para as camadas populares. Nas ideias de Freire (2018) os temas geradores devem buscar nas experiências de vidas dos sujeitos envolvidos no processo de formação, desta forma, a formação do professor da EJA deve “entender e respeitar, de maneira positiva, a diversidade de território, idade, gênero, sexo, raça/etnia, crenças e valores, assumindo-a como elemento pedagógico” (BAHIA 2009. p. 15). Toda essa diversidade exige um olhar interdisciplinar para esses sujeitos. Neste aspecto, as disciplinas ligadas às ciências humanas – sobretudo de história – tem uma imagem singular dos alunos da EJA por buscar em suas raízes históricas /sociais a trajetória de vida dos educandos.

Ainda segundo Freire (2018) para garantir que os temas geradores estejam conectados com realidade concreta na vida dos educandos é necessário como princípio norteador o diálogo, esta é a forma de compreender o contexto histórico de vida dos jovens e adultos. Pois, segundo Arroyo (2017), ao longo desses últimos anos os jovens e os adultos populares estão mais demarcados, segregados e estigmatizados, evidenciando as velhas polaridades da nossa sociedade. Assim, observa-se uma juventude cada vez mais vulnerável, sem horizontes e com poucas alternativas de enfrentamento.

A questão da formação para professores da EJA é outro aspecto importante. Geralmente, os professores que atuam nessas séries vão se adaptando à proposta formativa e constroem sua identidade docente. Apesar da existência das instruções pedagógicas da secretaria de educação do estado da Bahia, no espaço escolar há resistências e conflitos ideológicos dos professores envolvidos ao serem desafiados a atenderem ao projeto formativo, quando a concepção para esta modalidade de educação ainda não foi incorporada pelo grupo. No que tange as atividades avaliativas e conceitos

atribuídos aos alunos, por exemplo, demanda para o professor o registro em diários específicos para a EJA, a descrição de toda a trajetória educacional do discente percorrida durante os bimestres, sendo necessário um acompanhamento diário, numa ação metódica e intencional, que possa garantir que a avaliação seja um instrumento de aprendizagem e não de reprovação.

Outro desafio é pôr em prática os pressupostos freiriano para educação popular, onde deve-se levar em conta a realidade do educando, atentando para suas experiências, suas opiniões e sua história de vida. Segundo Freire (2002), a educação deve estar pautada na formação plena dos sujeitos, buscando uma preparação para vida, com formação de valores, atrelados a uma proposta política de uma pedagogia libertadora, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igual. E ainda, “Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser” (FREIRE, 2002, p.193).

Nesse sentido afirma Gadotti ao se referir à obra de Freire que: “a educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos” (GADOTTI, 1996, p. 85).

Os alunos do EJA conforme Albring (2013), possuem objetivos e aspirações diferentes daquelas dos frequentadores da educação regular. Vislumbram melhor condições de vida a partir do preparo educacional. Nesse contexto, mais um desafio se impõe ao professor do EJA: saber como aliar o desenvolvimento de uma visão crítica ao mesmo tempo em que os educandos estão buscando sua inserção no mundo do trabalho.

É fundamental, o reconhecimento de que os tempos e formas de aprendizagem dos jovens e adultos são diferentes das das crianças e adolescentes, tanto pela conformação psíquica e cognitiva como pelo tipo de inserção social. A compreensão da disciplina História passa por uma compreensão de como a história é construída a partir das evidências do passado e essa construção é feita sempre distanciada do mesmo. A apreensão das noções de tempo histórico em suas diversidades e complexidades pode favorecer a formação do estudante como cidadão, fazendo-o aprender a discernir os limites e possibilidades de sua atuação na permanência ou na transformação da realidade histórica em que vive.

Educação de Jovens e Adultos e o uso das fontes históricas

Não se pode desconsiderar que a pesquisa é uma ação humana, e como tal, traz em seu bojo a inevitável carga de valores, interesses e concepções que orienta o pesquisador. Questionar um problema é próprio do espírito da curiosidade humana. A pesquisa não deve se enrijecer em áreas afins, pois a dinâmica do conhecimento humano por ser múltiplo, exige uma abordagem diversificada.

Ao levantar discussões que envolvem uma característica da história da EJA – estando vinculada a um sistema informal de educação – a pesquisa em educação de jovens e adultos é necessária. Surge então o questionamento de como reestruturá-la, levando-se em conta as especificidades, a necessidade de uma lógica ordenada para se adequar ao sistema formal de educação e principalmente: como fazê-lo sem o conhecimento teórico desse processo que é tão singular a EJA. Nesse sentido, Miguel Arroyo (2005) se preocupa com a necessidade de se ter mais pesquisas sobre o assunto, em como definir a EJA enquanto um campo de direitos, de responsabilidade política do Estado, necessariamente atrelando-a ao sistema de ensino, o que implica na necessidade de estudos que analisem os impactos positivos e/ou negativos desse controle.

Diante dessa dinâmica, a pedagogia atualmente se depara com a utilização de recursos teóricos e metodológicos de outras ciências com o objetivo de ajustá-los, enriquecendo a construção de uma tradição metodológica, assumindo um caráter de ciência. O uso de aportes teórico similares ou os mesmos objetos de pesquisa, com um olhar diferenciado da produção pedagógica, pretensiosamente ou não, tem como meta retratar a realidade.

Segundo Neves e Costa (2012), o Historiador-Educador carece de conhecimento próprio do Pesquisador-Historiador, que por prática outrora em pesquisa, seu ofício está submetido ao rigor científico metodológico próprio. Desta forma, para o historiador em Educação conseguir ultrapassar essas barreiras, deve estar respaldado nos fundamentos de uma pesquisa histórica que leve em consideração as marcas temporais, o entendimento das fontes, a relação presente e passado sem julgamentos moralistas, a sensibilidade para o uso das fontes e perceber as nuances das ideias, sem generalizações e sim, nessas

relações, por menores e concretas que possam ser, visualizando as permanências e transformações.

Compreendemos que não se trata apenas do uso pela pedagogia das fontes históricas e mesmo de suas teorias, é necessário que se faça as críticas necessárias ao documento histórico. Por documento histórico entende-se as fontes históricas oficiais ou não, impressos, registros pessoais, registros materiais, dentre outros. De acordo com Le Goff, as fontes históricas são formadas na atualidade por: “documentação histórica contemporânea, em especial da multiplicação da documentação audiovisual, o recurso ao documento iconográfico em sentido próprio ou figurado, etc” (1990, p.108 e 109).

As fontes usadas hoje pela história também podem ser requeridas pela pedagogia por apresentar uma diversidade que possibilita uma compreensão da realidade. Marc Bloch declara: "A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele" (2001, p. 79.). A diversidade das fontes históricas reportadas hoje, já vem de um processo interdisciplinar de métodos de investigação de outras ciências.

No que concerne ao uso das fontes, o papel da subjetividade apresenta uma correlação com o pesquisador, pois ele carrega valores e ideologias impregnados em sua formação. Não é possível desvincular tais valores de sua pesquisa. O pesquisador pedagogo que usa o arcabouço teórico e metodológico de outras ciências humanas absorve seus conceitos e suas ideologias. A história vinculada a um contexto único é influenciada pelo tempo e espaço. Desta forma, a pedagogia ao fazer uso dos recursos nas fontes históricas, também carrega em si convicções filosóficas dessa área científica.

Além disso, o pertencimento das experiências vivenciadas no contexto da Educação de Jovens e Adultos permite ao professor-pesquisador o laboratório vivo de um lugar social específico. A história dos sujeitos da EJA, configurada por suas singularidades, se relaciona também ao professor-pesquisador, pois este faz parte da história dos educandos. Assim, uma pesquisa que se pretende fruto de uma realidade presenciada, se apresenta como rica na compreensão dos desafios enfrentados pela EJA. De acordo com Ludke e André “precisamos muito de professores que sejam pesquisadores e de pesquisadores que sejam professores, em todos os níveis que a educação se exerce” (2017, p. viii). O elemento complexo que envolve os problemas da educação e, não somente no ambiente da sala de

aula, devido ao envolvimento dos sujeitos, é necessário pesquisas articulando diferentes metodologias que possam arriscar responder os fenômenos e seus agentes.

Relacionar a pesquisa pedagógica com os recursos teóricos da história, analisando o Colégio Estadual Padre Luiz Soares Palmeira, possibilita ampliar a visão da realidade estudada e entender como a Educação de Jovens e Adultos é aplicada nessa unidade escolar. Os diálogos com pesquisas que retratam as realidades escolares permitem entendermos as complexidades das escolas e seus sujeitos.

Considerações Finais

O ensino do EJA se constitui uma oportunidade para a conclusão do ensino regular, acenando com a possibilidade de um melhor inserção social pelo conhecimento formal em ambiente escolar. Particularmente, para o público adulto aparece como uma oportunidade de melhoria das condições de vida e melhores possibilidades de emprego. Esta preocupação estabelece uma linha definidora entre os alunos em series regulares e a finalidade dos alunos da EJA. Para este grupo – oriundo dos contextos econômicos-sociais que resultaram as classes populares – ter uma noção de cidadania é fundamental a atribuição de conhecimentos variados e uma nova concepção de história que evidencie a preocupação com um educação que estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, construindo noções de diferenças, semelhanças, de continuidade e permanências na estrutura social,

Infelizmente ainda hoje – corroborando com a interpretação de Almeida(2006) – a trajetória do educando da EJA está marcada pelo princípio de apenas alfabetizar e desenvolver algumas competências básicas na aquisição do código linguístico e dos cálculos matemáticos, competências estas estanques e sem ligação com o cotidiano dos estudantes. Na tentativa de romper com essa tendência, a desejável formação para professores da EJA seria aquela que desse lastro teórico para que na prática docente se sentissem confiantes em ampliar o horizonte intelectual de seus alunos, tendo como suporte os conhecimentos da disciplina História. Trata-se de uma outra sensibilidade no que tange aos conceitos e ferramentas teóricas que desmistificam os processos históricos e o possibilita pensar sobre os condicionamentos sociais que estruturam uma sociedade

como a nossa. O diálogo entre Pedagogia e História se apresenta frutífero e imprescindível para formação do cidadão.

A docência pedagógica, tem em sua tarefa a difícil missão de defender o direito dos Jovens e Adultos a uma educação de qualidade. Enquanto ciência, a história contribui com a pedagogia, permitindo um olhar para a vida dos sujeitos da EJA através da janela do passado, alargando o uso das fontes históricas em sua metodologia, com perícia, sem julgamentos, sendo capaz de entender as suas realidades.

REFERÊNCIAS

ALBRING, Loraine. O ensino da geografia na educação de jovens e adultos: por uma prática diferenciada e interdisciplinar. CEREJA – Centro de referências em Educação de Jovens e adultos e. Biblioteca. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/site/_shared/Files/_cer_old/anx/loraine_albring_ensino_geografia.pdf>. Acesso em 26 nov. 2013.

ALMEIDA, Maria Lúcia Silva. **Sujeitos não-alfabetizados:** sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, Leôncio (Org.) *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de Jovens e Adultos*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2017.

ARROYO, Miguel. **Educação de jovens-adultos:** uma campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (Org.) **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Balanco da EJA:** o que mudou nos modos de vida dos jovens adultos populares. *Revista de Educação de Jovens e Adultos*, V. 1; 2007. Disponível em: Acesso em 2 de Novembro de 2017. ARROYO, M. G. **Experiências de inovação educativa:** o currículo na prática da escola. Moreira, Antônio Flavio Barbosa(Org.) *Currículo e prática* /– 13ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2013.

_____. **Pedagogias em Movimento:** o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1article/arroyo.pdf> Acesso em: 10 jun. 2018.

BAHIA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Política de EJA da Rede Estadual. Aprendizagem ao Longo da Vida. Salvador. Coordenação de Educação de Jovens e Adultos. Secretaria da Educação 2009.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da História:** ou ofício do historiador, Prefácio Jacques Le Goff; apresentação a edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencine. Fundação editora da UNESP. 1999.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:** efetividade ou ideologia. 4ª Edições Loyola. Coleção “realidade Educacional”. São Paulo. 1996.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina,** p. 193. Editora Unesp 2ª edição revista, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 65ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, Maria Manuella. Alves. **Políticas curriculares e profissionalização: saberes da prática na formação inicial de professores.** Educ. rev. [online]. 2016, vol.32, n.2, pp.131-158.

GADOTTI, Moaci. **A voz do biógrafo brasileiro:** a prática a altura do sonho. In: GADOTTI, Moaci (Org.). Paulo Freire uma bibliografia. Editora Cortez, São Paulo, 1996.
Le Goff, Jacques, 1924 **História e memória;** tradução Bernardo Leitão ... [et al.] – Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

NEVES, Fátima Maria; COSTA, Célio Juvenal. **A importância da história da educação para a formação dos profissionais da educação.** Revista Teoria e Prática da Educação, v.15,n.1,p.113-121,jan/abr.2012.PEREIRA, Talita Vidal. **Currículo como teia de significados.** Revista Teias. v.3 n.127, p.161-176; jan/abr 2012.

PIRES, Rosane de Almeida. **Educação de Jovens e Adultos.** In: BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnicos-Raciais. Brasília: Secad, 2006.

SACRISTÁN, Jose Gimeno. **O currículo uma reflexão sobre a prática.** Tradução Ernani F. da Fonseca Roso. 3ª edição. Porto Alegre, Artmed, 1998.

Recebido em: 02 de outubro de 2018
Aprovado em: 30 de novembro de 2018

SOBRE AS AUTORAS

Ruthnelle de Oliveira Chagas é uma professora brasileira. Ela possui experiência na área de História, e como professora de alunos do Ensino Médio e Fundamental.

Cecilia Conceição Moreira Soares é uma pesquisadora e professora brasileira líder do Grupo de Estudo e Pesquisa da Memória Afro – Baiana da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ela possui experiência em História e Antropologia, com ênfase em Estudos Afro-Brasileiros, atuando principalmente nos seguintes temas: história, cultura, memória, educação, territorialidade, identidade, gênero e raça.